



RUGENDAS, W.M., 1835

# ANIMAIS E SOCIEDADE

no Brasil dos séculos XVI a XIX

ANA LUCIA CAMPHORA

“George Orwell cunhou a famosa frase, *a história é escrita pelos vencedores*. O autor de *A Revolução dos Bichos* também afirmaria que *todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros*. Constantemente nos esquecemos de nossa condição animal, exatamente pelo fato de termos a razão, a cultura e a história como diferenciais em relação aos demais animais. Portanto, fazem sentido as duas frases de Orwell na afirmação de que somos mais iguais do que os outros animais, já que numa situação de hipotética vitória sobre as outras espécies, fomos nós que contamos a história.

Entretanto, há entre nós quem resista ao lugar comum e desafie a história oficial, para permitir que façamos uma reflexão sobre nosso papel diante da barbárie que aniquila, com requintes de sadismo e crueldade, bilhões de animais anualmente para satisfazer a cobiça humana. Uma dessas valiosas criaturas é Ana Lucia Camphora, que, com sutileza e maestria, nos revela a história do Brasil a partir da perspectiva animal. Como resultado de uma longa e criteriosa pesquisa, na qual encontrou testemunhos documentais pouco conhecidos mesmo por estudiosos brasileiros, a autora entrega para nosso deleite uma excelente obra, necessária não apenas para acadêmicos, mas para qualquer um que tenha apreço pelos bichos ou ambicione conhecer a história do Brasil sob um novo e desafiador olhar.”

Rogério Rocco

Analista Ambiental do Instituto Chico Mendes – ICMBio/MMA e Professor de Direito Ambiental da Universidade Cândido Mendes – UCAM/Niterói, Coordenador e Professor das Pós-Graduações em Direito Ambiental da Escola da Magistratura do Rio de Janeiro – EMERJ e da Escola de Administração Judiciária – ESAJ/TJRJ.

“Se, atualmente, vislumbramos um Brasil onde vivem mais de 57 milhões de cães domiciliados (IBGE, 2015); com um mercado pet que movimentava 18 bilhões de reais por ano; e onde o tráfico de animais silvestres apreende mais de 38 milhões de animais (RENCTAS, 2011), como seria pensar este país sem vacas, bois, ovelhas, cabras e galinhas, como descreveu Caminha, quando aqui desembarcou? Como seria pensar este país quando as carnes preferidas eram de lagartos, macacos, gambás e tatus? Ou quando desembarcaram os primeiros bois, em 1531? Quando os primeiros cães foram trazidos para ajudar na caça e pastoreio, ou quando o primeiro elefante foi exibido em um espetáculo circense, no séc. XIX? Como seria pensar este país?

São essas as respostas que este livro nos dá com propriedade científica, ao longo de sete capítulos, e são essas mesmas respostas que nos fazem pensar como o animal não-humano se inseriu entre nós ao longo deste trajeto, de maneira igualmente utilitária e especista mas, ao mesmo tempo, de formas tão peculiares nas diversas regiões brasileiras.”

Rosângela Ribeiro Gebara

MSc, Especialista em Bioética e Bem-estar animal e Gerente de Programas Veterinários da World Animal Protection – WPA Brasil.

“O poderoso agronegócio brasileiro atual desenvolveu-se durante cinco séculos, a partir do descobrimento. Durante esse período, a interação homem-animal foi sendo ampliada sob todos os seus aspectos. Desde a surpresa dos nativos com os animais trazidos pelos descobridores e a destes com os animais da nova terra.”

Milton Thiago de Mello

Vice-Presidente da Academia Brasileira de Medicina Veterinária

## SOBRE O LIVRO

*“Baleias eram arpoadas na Baía de Guanabara. Navios transportavam para a Europa milhares de macacos, papagaios e araras. Bois movimentavam moinhos e engenhos de açúcar. Plumas de beija-flores ornamentavam chapéus e vestidos usados por damas da Corte Portuguesa e de Paris. Um matadouro funcionava ao ar livre, na praia de Santa Luzia, centro do Rio Antigo. Bondes e ônibus cruzavam a cidade puxados por pares de burros. Macacos e formigas eram servidos como refeição. Bois eram caçados a tiro nos pastos. O pó do chocalho de cascavel era indicado para tratar dentes cariados e calda de gambá assada para tratamento de pedras nos rins.”*

O que foi dito a respeito dos animais e de como participaram do processo de ocupação e colonização do Brasil, revela um campo multifacetado de práticas, valores e saberes indígenas, europeus e africanos. Relatos, anotações, diários e documentos produzidos a partir do desembarque dos portugueses no litoral da Bahia, em 1500, assim como estudos e investigações históricas recentes, contemplaram a condição do animal, funções que lhe foram atribuídas e como estiveram envolvidos nos fatos e acontecimentos que formam nossa História.

Eles foram descritos como coisas, mantimentos, e também como seres capazes de expressar sentimentos e atitudes humanas, fonte de poder espiritual, componente de cura, recursos para a Coroa Portuguesa, ameaça à sobrevivência humana e a bens materiais. Registros de sua presença nos fatos e acontecimentos ocorridos nos primeiros quatro séculos de nossa História revelam matizes das interações entre animais e sociedade, no contexto do Brasil colonial e pós-colonial. Como alimento, medicamento, força motriz, transporte, diversão, componente do acervo religioso ameríndio, indumentária decorativa ou lazer doméstico, eles participaram direta e indiretamente no processo de formação da sociedade brasileira.

O reconhecimento do animal como presença no processo de formação social e cultural se revela em inúmeros canais entrelaçados e interdependentes, não através de perspectivas estanques. Essa presença nunca esteve dissociada dos fatores ambientais, políticos, sociais, culturais e econômicos que se mesclam no mundo real.

Este livro busca contribuir para a formação de uma história da condição animal no Brasil e, ao mesmo tempo, resgatar as outras espécies animais do lugar marginal e pouco relevante que lhes destinaram as teorias sociais. Distintos olhares sobre esse tema tão extenso nos conduzem através de um capítulo ainda obscuro de nossa história.

As últimas décadas sinalizam que mudanças definitivas estão redefinindo o modo como lidamos com animais não humanos. Trazer à cena esses atores mudos e tão fundamentais nos convida a repensar nossa singularidade e o propósito de nossa humanidade.

ANA LUCIA CAMPHORA  
alcamphora@gmail.com



Ana Lucia Camphora é carioca, psicóloga, Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/IP/UFRJ) e Doutora em Ciências Sociais (CPDA/UFRRJ). Integra o corpo docente do Curso de Especialização em Direito Ambiental da Escola de Administração Judiciária (ESAJ) e da Escola de Magistratura do Rio de Janeiro (EMERJ).